

A INTERLIGAÇÃO DE MODELOS PEDAGÓGICOS: *GENTLE TEACHING* E O MODELO ECOLÓGICO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

Miguel Mata Pereira, Associação QE, miguelmata@quintaessencia.pt

Resumo: A implementação do modelo ecológico do desenvolvimento humano (Brofenbrenner, 1979) permite enquadrar os alunos da Associação QE numa perspetiva bio-psico-social, de acordo com a qual os contextos de interação social e de criação de redes de suporte social assumem um papel determinante. O *Gentle Teaching* (McGee, Menolascino, Dobbs, & Menousek, 1987), enquanto modelo relacional, promove a intersubjetividade, indo ao encontro das necessidades básicas de segurança, afeto e confiança em si e nos outros. Como modelo de intervenção, baseia-se na criação de relações de vinculação individualizadas, protótipo de novas relações sanígenas, securizantes e estruturantes. É a partir destas novas relações totipotenciais que é possível devolver, na forma reabilitada, a perspetiva da socialização através dos diversos contextos de vida de cada aluno e suas respetivas aprendizagens. Na Associação QE, a individualização dos projetos pedagógicos é imbuída de uma matriz social permanente, quer se trate do grupo de pares, quer se trate das relações entre alunos e educadores ou entre alunos e suas famílias. O processo pedagógico assim constituído pretende promover, em comunidade de aprendentes, a máxima autonomia para cada aluno, independentemente das suas necessidades educativas e do seu nível de apoio. A intervenção pedagógica assume assim um carácter psico-educativo, implicando não só os alunos no seu próprio desenvolvimento como também os outros que consigo interagem nos diferentes contextos.

Introdução

Nesta comunicação pretende-se apresentar a forma como dois modelos de intervenção – o *Gentle Teaching* (McGee, Menolascino, Dobbs, & Menousek, 1987) e o modelo Ecológico do Desenvolvimento Humano (Brofenbrenner, 1979) – são implementados em interligação na Associação QE, potenciando a autonomia, o bem-estar e o desenvolvimento de jovens e adultos com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais (DID). Trata-se portanto de um relato de práticas e não de uma investigação, com o objetivo de refletir o trabalho de intervenção psico-educativo desenvolvido por uma equipa técnico-pedagógica multidisciplinar, a partir da sustentação teórico-prática sugerida pelos modelos supracitados, adequando e adaptando os seus princípios orientadores ao contexto real de intervenção.

A Associação QE

A Associação QE, Uma Nova Linguagem para a Incapacidade, é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) cuja missão é maximizar a autonomia e a integração social plena de pessoas com DID, maiores que 16 anos de idade. A Associação QE procura conjugar as potencialidades de um modelo de socialização, no qual se destaca o contributo fundamental das famílias e das redes sociais de suporte, com a necessidade de estabelecimento de relações individualizadas e significativas, promotoras de desenvolvimento humano.

A Associação QE é constituída por três polos fundamentais: um polo pedagógico, com equiparação a valência de Centro de Atividades Ocupacionais Socialmente Úteis (CAO), um polo residencial, com equiparação a valência de Lar Residencial, e um polo científico, que congrega todas as parcerias científico-tecnológicas da Associação QE e os projetos daí decorrentes.

A equipa técnico-pedagógica da Associação QE é pluridisciplinar, permitindo que a intervenção psico-educativa realizada possa ter como base diferentes perspetivas sobre a realidade e as formas de intervir, tendo em linha de conta o desiderato último da dignidade da pessoa, e conseqüentemente a sua autonomia, bem-estar e autoestima.

O Gentle Teaching

O *Gentle Teaching* é baseado na psicopedagogia da interdependência humana, isto é, no estabelecimento de relações significativas, individualizadas, entre as pessoas e os seus educadores, modelo de intervenção relacional que promove o desenvolvimento de novas relações.

Este modelo de intervenção assenta em quatro pilares: segurança, afeto, ser capaz de ser afetuoso e compromisso ou vinculação.

Segurança significa essencialmente que o outro se possa sentir confortável, seguro e tranquilo na presença do educador. Neste sentido, a assunção de limites, traçados em relação e de forma cuidadosa, constitui-se como um eixo central da intervenção. A pessoa que se sente segura, está menos preocupada com as exigências que lhe possam fazer, com os erros que possam surgir, com o desconforto e com o medo. Este sentimento de segurança potencia o desenvolvimento da identidade própria e da autoestima.

Afeto significa que a presença do educador é acolhedora, contentora, preocupada. Significa que alguém vai cuidar da pessoa, que vai acreditar nela, que a vai olhar com carinho e com estima. O educador deverá ser capaz de olhar e escutar a pessoa na sua unicidade, ir para além das suas características visíveis, dos seus comportamentos, das suas dificuldades.

Ser capaz de ser afetuoso significa querer dar aos outros afeto, presença, conforto, manifestar os seus sentimentos sem ter medo de ser julgado por isso, sem temer represálias ou incompreensão.

Compromisso/vinculação significa disponibilidade para estar com os outros, com o grupo, em atividade, em aprendizagem. Significa ser ativo, participativo e com vontade de estar integrado. É ser e fazer parte da comunidade.

Na intervenção psico-educativa, estes quatro pilares são praticados, numa primeira fase, no âmbito do estabelecimento de relações individualizadas entre a pessoa com DID e o educador. As técnicas de intervenção, enquanto ferramentas e metodologias especificamente associadas à formação de cada um dos educadores, servem inicialmente apenas como contexto, isto é, como o espaço-tempo onde a relação é investida e desenvolvida. O aspeto fundamental é relacional, não técnico. São as relações autênticas que promovem o desejo de aprender, de estar na presença dos outros, de querer estar integrado.

Portanto, na fase inicial do estabelecimento relacional, o mais importante é a *presença* do educador. Estar disponível para a relação. Não de modo psicoterapêutico, mas de modo

educativo. A presença do educador deverá assim ser securizante e afetuosa, promovendo o desejo de ser afetuoso e de estabelecer compromissos. Essa presença é sinal de aceitação e de compreensão. As questões técnicas intervêm aqui para dosear o efeito da presença do educador. Estar disponível não significa estar permanentemente em relação. É uma predisposição, mais do que constatação. Para algumas pessoas, a presença do educador, se não for bem gerida, pode resultar em sentimentos de stresse, de invasão do espaço vital, de desconforto.

Também o *contacto ocular* surge como estratégia importante para o estabelecimento de relações securizantes e afetivas. Depois de tolerar e desejar a presença do educador e o sentimento de pertença e segurança que essa presença veicula, o estabelecimento de contacto ocular direto pode ser muito significativo da qualidade da relação. Esse olhar deverá ser um *olhar integral*, afetuoso, compreensivo e autêntico. Olhamo-nos porque nos queremos conhecer melhor. Procurar o olhar do outro, manter esse contacto, é reconhecer o outro como pessoa, parceiro da interação.

Outra das estratégias utilizadas no estabelecimento das relações significativas é o *toque*, o *contacto físico*. Esta aproximação, que começa com a presença do educador perante a pessoa com DID, deverá depois ser reforçada com a aproximação física, através das mãos, dando sinais da segurança e do afeto que se vivem na relação. Também aqui é importante estar consciente dos efeitos deste contacto físico, para que não se torne invasivo, depreciado e desrespeitoso da vontade do outro. O contacto físico promovido pelo educador pode também funcionar como modelo ou modelagem para as outras relações, adequando a forma como as pessoas interagem entre si.

Finalmente, a *comunicação verbal*. Não necessariamente linguagem, mas a produção de sons, com ou sem sentido, que possam mostrar ao outro como a sua presença é importante e afetuosa para o educador. Esta comunicação deverá ser permanente, estruturante, edificante.

Dizer ao outro o que sentimos na presença dele, o que gostaríamos de fazer – permitindo-lhe antecipar o que se seguirá – e dando-lhe oportunidade de construir escolhas, alternativas, de co-construir a relação.

Esta forma de atuar na intervenção leva a que algumas vezes o modelo relacional do *Gentle Teaching* possa ser mal interpretado e confundido com uma postura pouco atuante por parte dos educadores, muito permissiva e até desajustada do ponto de vista técnico. O *Gentle Teaching* não é um modelo de modificação comportamental. Pelo contrário, este modelo reconhece o sofrimento, a solidão, a impossibilidade para poder fazer escolhas e a opressão das pessoas com DID. A sua matriz é relacional, não comportamental. É assim um modelo de intervenção que só é possível de ser implementado na prática com disciplina – não é disciplinador. Os limites da relação são construídos na própria relação – não são impostos.

Deste modo, muito para além das mudanças comportamentais – que acabam por acontecer em virtude das novas relações estabelecidas – o foco da intervenção é a aceitação integral do outro, o respeito pelas suas qualidades e dificuldades, o desejo de integração e participação ativas quer nas suas próprias vidas, escolhendo e decidindo por si, quer na vida comunitária, na presença dos outros.

O modelo Ecológico do Desenvolvimento Humano

O modelo ecológico do desenvolvimento humano, ou modelo de desenvolvimento bio-psico-social, insere-se num paradigma contextualista ou de contexto relativamente às teorias da psicologia e do desenvolvimento humano (Kuhn, 1962; Kuczynski & Daly, 2003). É um paradigma dialético, no qual o conhecimento é entendido como uma construção social, dependendo das mundivisões de cada indivíduo, da cultura, da história e do poder. No modelo ecológico do desenvolvimento humano, os indivíduos não podem ser separados dos seus contextos, quer no âmbito dos estudos desenvolvidos, quer no âmbito da sua ontologia. Sendo

uma abordagem dialética, as relações de causa-efeito dificilmente podem ser avançadas, uma vez que todas as variáveis de uma determinada situação (o indivíduo e os seus múltiplos contextos) se influenciam mutuamente. Este modelo estabelece-se assim como uma teoria geral relativa à forma como o desenvolvimento emerge da inter-relação entre o indivíduo e os contextos aos quais pertence e pelos quais é direta ou indiretamente afetado.

No âmbito desta teoria, as interações entre indivíduos e entre os indivíduos e os seus contextos são o principal motor do desenvolvimento. Para se poder estudar a complexidade desta teoria, Brofenbrenner (1995) propõe o modelo PPCT do desenvolvimento. Esse modelo considera que o desenvolvimento humano deverá ser considerado em virtude das inter-relações entre quatro conceitos-chave: Processo, Pessoa, Contexto e Tempo.

Processo respeita o conjunto de interações entre um indivíduo ativo em evolução e as pessoas, os objetos e os símbolos do seu ambiente mais próximo. Estas interações respeitam as características individuais e as características dos contextos.

Pessoa respeita a importância dos fatores biológicos e genéticos no desenvolvimento, bem como as características pessoais que qualquer indivíduo transporta consigo para as interações com os outros e com o meio. Habitualmente essas características compreendem três tipos: 1) *características de estímulo pessoal ou de demanda*, responsáveis pela formação das expectativas durante as interações; 2) *características de recurso*, não imediatamente perceptíveis e relacionadas com os recursos cognitivos e emocionais, competências e capacidades; 3) *características de força*, relacionadas com fatores como o temperamento, crenças, a motivação, a resiliência ou a persistência.

Contexto respeita o ambiente ou contextos que direta ou indiretamente influenciam o indivíduo. São habitualmente considerados quatro sistemas inter-relacionados: 1) o *microsistema*, no qual o indivíduo em desenvolvimento interage maioritariamente (casa, escola, trabalho); o *mesossistema* refere-se à inter-relação entre os vários microsistemas nos

quais o indivíduo interage e desenvolve as suas atividades; 3) o *exossistema* refere-se aos contextos que influenciam indiretamente os indivíduos; 4) o *macrossistema*, encarado numa como uma conceção ampla de cultura e fenómenos sócio-históricos.

Tempo, subdividido em *microtempo* (o tempo em constante desenvolvimento) e o *macrotempo* ou *cronossistema* que respeita o facto dos processos de desenvolvimento variarem de acordo com os acontecimentos históricos idiossincráticos, influenciando os padrões de acontecimentos ambientais e as transições ecológicas ao longo dos ciclos de vida.

Portanto, de acordo com este modelo ecológico, o desenvolvimento humano corresponde ao conjunto de transições ecológicas que um indivíduo opera nos diferentes contextos aos quais está vinculado, ao longo do ciclo de vida. No decurso do processo de desenvolvimento, o indivíduo em inter-relação e interação com os diferentes contextos, poderá modificar algumas das suas características pessoais ou ligadas aos processos proximais, de forma a determinar a sua posição no mundo e a participar ativamente nos diferentes contextos.

A interligação dos modelos pedagógicos: *Gentle Teaching* e Ecologia Humana

Considerando a premissa enunciada pelo próprio Bronfenbrenner (1998, p. 996): “*o desenvolvimento da criança acontece através de processos de interação cada vez mais complexa entre uma criança ativa e as pessoas, objetos ou símbolos no seu ambiente imediato. Para ser eficaz a interação deve ocorrer numa base regular durante longos períodos de tempo*”, depreende-se que este desenvolvimento é fortemente influenciado pela qualidade das interações, ou seja, pelo modelo ou modelos relacionais que servem de referência ao indivíduo. Esta interação deverá ser caracterizada pela reciprocidade, promovendo segurança, afeto e confiança – precisamente as bases essenciais do *Gentle Teaching*. O modelo relacional do *Gentle Teaching* pode ser enquadrado no conceito de

Processo Proximal, isto é, o motor do desenvolvimento. A pessoa com DID, independentemente das suas características, deverá estar em interação securizante, afetiva, que lhe permita sentir-se preparada para explorar os diferentes contextos que a rodeiam. O compromisso/vinculação entre o educador e a pessoa com DID poderá sustentar essa exploração, fomentando o seu desenvolvimento integral.

Neste sentido, a Associação QE assume-se como microssistema, desenvolvendo um padrão de atividades, de relações interpessoais, e de empatia entre as pessoas, convocando-as para ativamente participarem nos seus processos de desenvolvimento, através de uma intervenção psico-educativa que se reflete nos programas de desenvolvimento individualizados, desenhados para dar resposta às necessidades de cada pessoa.

O mesossistema é constituído pelo conjunto de interações e de relações estabelecidas entre os diferentes microssistemas da pessoa com DID. Para a Associação QE, este mesossistema privilegia as relações entre a Associação e as famílias, bem como entre a Associação e a comunidade envolvente, onde decorrem um conjunto importante de atividades pedagógicas direcionadas para integração social.

Encaradas isoladamente, estas instituições de acolhimento das experiências de integração social ou profissional constituem o exossistema, podendo influenciar o desenvolvimento das pessoas com DID em função das próprias vicissitudes conjeturais que afetam estas instituições parceiras.

Por fim, o macrossistema aparece como o conjunto de crenças, preconceitos e representações culturais e sociais relativas às pessoas com DID.

Assim, na Associação QE, o *Gentle Teaching* aparece como base de novas relações, totipotenciais, que permitem as transições ecológicas das pessoas com DID nas suas inter-relações com os diferentes contextos, promovendo a maior autonomia possível e uma rede

social de suporte, consubstanciando a intervenção psico-educativa como uma referência para o desenvolvimento ecológico.

Referências

- Associação QE, Uma Nova Linguagem para a Incapacidade. <http://www.quintaessencia.pt>
- Brofenbrenner, U. (1979). *The Ecology of Human Development: Experiments by Nature and Design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Brofenbrenner, U. (1995). Developmental ecology through space and time: A future perspective. In P. Moen, G. H. Elder, Jr. & K. Lüscher (Orgs.), *Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development* (pp. 619-647). Washington, DC: APA.
- Brofenbrenner, U., & Morris, P. A. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of Child Psychology: Vol. 1: Theoretical Models of Human Development* (pp. 993-1028). New York, NY: Wiley.
- Kuczynski, L., & Daly, K. (2003). Qualitative methods as inductive (theory-generating) research: Psychological and sociological approaches. In L. Kuczynski (Ed.), *Handbook of dynamics in parent-child relations* (pp. 373-392). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Kuhn, T. S. (1962). *The structure of scientific revolutions*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- McGee, J. J., Menolascino, F. J., Dobbs, D. C., & Menousek, P. E. (1987). *Gentle Teaching: A Non-Aversive Approach to Helping Persons with Mental Retardation*. New York, NY: Human Sciences Press.